

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: 383

Data: 06/11/80 Pg.: _____

Coisas da política

190

Ciência xavante aplicada

Wilson Figueiredo

A vontade de votar e ser votado em eleição direta estava reprimida há 14 anos. Precisa de mais dois para se realizar, mas já libera, por conta, grande energia política dentro e fora do Governo. Os candidatos a Governador, também reprimidos, acotovelam-se para 82. Do lado de fora dos partidos ainda é possível fazer fila, mas por pouco tempo.

Os preteridos em quatro eleições indiretas e aqueles antes sem condições não são poucos. Começou para todos indistintamente, do fim para o começo, a contagem de um tempo que é pouco para dizer tudo. Já estão pelo menos livres do ridículo que seria apresentarem-se candidatos antes de haver eleições. Que diriam ao eleitorado? Se a eleição direta não explodir na rampa, tudo bem. Pelo menos a contagem regressiva do tempo está

garantida. Verdade que muitas candidaturas a serem lançadas explodirão antes do lançamento. Mas é sempre melhor explodir a candidatura do que a eleição.

Muito pior era perder na situação anterior. Se até a vitória era constrangedora na eleição indireta, a derrota nem se fala: o candidato não tinha como explicar-se. A eleição direta lava a alma. O eleitor acredita que, através delas, pode resolver todas as aperturas. Depois que compreende que o vencedor é apenas um, pode reconhecer o engano. Aceita o erro e começa então a se preparar para a eleição seguinte. Há sempre outra eleição à vista. A democracia subentende que o compromisso do candidato se extingue nas urnas. O vencedor emerge purificado pela vontade da maio-

ria. Por isso o poder fotografa o liberal com raios X e o que se vê no Governo é sempre a anatomia do conservador, conforme já foi dito várias vezes, das mais variadas maneiras, na Inglaterra vitoriana ou no Brasil monárquico e republicano. Nenhuma lei obriga o vencedor de uma eleição a pagar as promessas do candidato.

A obrigatoriedade seria a erradicação dos demagogos. E que seria da democracia sem o fermento da demagogia? Sem urnas, a demagogia teria de adubar as batatas das ditaduras. É o demagogo quem viabiliza os grandes devaneios coletivos e dá às democracias elasticidade de movimentos, esbelteza de linhas. É só por isso que se garante aos eleitos o direito a bater a carteira dos derrotados para pagar as contas.

Quem andou apostando na abertu-

ra do regime ganhou pontos esta semana. Mas não é só a eleição direta que dá vazão à recalcada vontade de eleger e ser eleito. O cacique Mário Juruna contribuiu com a ciência política xavante, eminentemente aplicável, para a correta avaliação do momento histórico. "Golpe de Estado só vale mesmo entre os brancos" — advertiu Juruna ao denunciar preventivamente que a Funai está querendo derrubá-lo da estrutura xavantina de poder, "pensando que entre índios vale golpe de Estado".

Ao que se sabe, os xavantes não se encontram em fase pré-eleitoral. Não é, portanto, declaração de candidato para avivar a doutrina do contragolpe preventivo. Foi mera coincidência a reflexão de Juruna ter sido feita a 11 de novembro, dia do "retorno aos quadros constitucionais vigentes".

Juruna sabe o que diz, mas principalmente tem noção da oportunidade. Se ele afirma que golpe de Estado só vale entre brancos, é porque não corre o risco de ser apontado como agente provocador a serviço do retrocesso político nacional. Os xavantes nada têm a perder com a abertura, exceto o anonimato político em que viveram sob a ditadura.

Falta apenas o pensamento vivo de Macunatma se exprimir através de Juruna na conclusão de que ditadura é remédio de civilizado. A abertura estará então concluída e até garantida pela missão constitucional de que se podem incumbir os xavantes.

Depois, no momento certo, virá a declaração a favor da Constituinte. Juruna não quis se manifestar antes dos líderes oposicionistas para não ferir suscetibilidades, mas é certo que

não ficará a reboque do PDS. Toda atenção auditiva deve ser prestada a Juruna. Quando ele cantar, a Constituinte virá.

A aprovação unânime das eleições diretas para Governador acabou sendo providencial também para a liderança do Governo. Nem o Senador Jarbas Passarinho, nem o Deputado Nelson Marchezan tiveram de ir à tribuna para negar a paternidade étnica do golpe de Estado atribuída por Juruna aos brancos. Melhor calar que tentar responder. Acabou sendo aquela a contribuição xavante para as comemorações do cinquentenário da Revolução de 30, com todas as suas metáteses. Pois foi uma revolução mas abusou do recurso ao golpe de Estado. Afinal, nesses 50 anos desfilam figuras, conceitos, equívocos e problemas que não precisariam da ciência política xavante para serem entendidos.